

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

HELENA DA CRUZ RUPPERT

**DESAFIOS DA JUVENTUDE HOMOSSEXUAL FRENTE
ÀS RELAÇÕES FAMILIARES.**

MATINHOS

2017

HELENA DA CRUZ RUPPERT

**DESAFIOS DA JUVENTUDE HOMOSSEXUAL FRENTE
ÀS RELAÇÕES FAMILIARES.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Câmara de Serviço Social como requisito parcial à conclusão do Curso de Bacharel em Serviço Social, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.


Orientadora: Profa. Mirian Cristina Lopes


MATINHOS


2017


ATA DE AVALIAÇÃO DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos seis dias do mês de setembro de dois mil e dezessete, às oito horas e trinta minutos, no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a Banca Avaliadora do Trabalho de Conclusão de Curso, constituída pela Profa. Dra. Edina Mayer Vergara e pela Profa. Dra. Silvana Maria Escorsim. Sob a presidência da Orientadora Profa. Msc. Mirian Cristina Lopes para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **HELENA DA CRUZ RUPPERT** (GLR20130325), sob o título *Os desafios do jovem homossexual frente as relações familiares*, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante sido Aprovada com conceito A5. A aluna deverá efetuar as correções solicitadas pela banca e entregar a versão final em formato digital via CD, até o dia vinte de setembro de dois mil e dezessete, na Assessoria do Curso de Serviço Social.


Profa. Msc. Mirian Cristina Lopes
Orientadora


Profa. Dra. Edina Mayer Vergara
Integrante da Banca


Profa. Dra. Silvana Maria Escorsim
Integrante da Banca


Helena da Cruz Ruppert
Aluna

AGRADECIMENTOS

Por esta maravilhosa realização, a qual demandou tanto esforço e dedicação, agradeço primeiramente aos meus pais por me apoiarem nesses longos quatro anos de jornada. Agradeço, também, aos meus amigos que tão bravamente nunca saíram do meu lado, e, é claro, sou imensamente grata aos meus professores, os quais me nortearam na vida acadêmica e para além dela. A todos em minha vida, essa realização traz um pouquinho de cada um de vocês.

Então, eu acho que somos quem somos por várias razões. E talvez nunca conheçamos a maior parte delas. Mas mesmo que não tenhamos o poder de escolher quem vamos ser, ainda podemos escolher onde iremos a partir daqui. Ainda podemos fazer coisas. E podemos tentar ficar bem com elas. (As vantagens de ser invisível).

RESUMO:

O objetivo principal do presente trabalho é o de demonstrar através de pesquisas bibliográficas e de campo, como o jovem homossexual está inserido no contexto social da atualidade, em especial sua relação com a família, e para tanto se fez necessária uma abordagem historiográfica com a evolução do tema da sexualidade, da formação dos núcleos familiares, a influência da religião na sociedade, bem como de que forma o jovem se descobre homossexual e as consequências de sua decisão em se assumir, como a violência e a discriminação. Outra questão abordada se refere às possibilidades de atuação como o profissional do Serviço Social pode intervir, principalmente em situações onde jovens são excluídos do meio familiar, encontrando as ruas como saída. O estudo empírico que finaliza o trabalho foi realizado com 20 jovens de orientação homossexual, residentes no litoral do Paraná, Brasil, que responderam um questionário e foram entrevistados para melhor compreensão do estudo realizado. As narrativas foram compreendidas de forma qualitativa e a partir dos relatos analisamos o conjunto das informações. A conclusão que foi possível retirar considerando o objeto do estudo foi de que, apesar da notável evolução em termos de aceitação pessoal e mesmo social em comparação a períodos históricos anteriores ainda existe um longo e árduo caminho a ser trilhado até a plenitude do tratamento isonômico em face da opção sexual da pessoa humana e que o cerne dessa busca pela igualdade reside nos ambientes mais usuais dos indivíduos, ou seja, a escola e a família

Palavras chaves: Juventude, Família, Homossexualidade.

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. SEXUALIDADE: ASPECTOS SÓCIO HISTÓRICOS.....	12
2.1. Da idade média até o fim do século XIX.....	14
2.2. Do século XX a atualidade.....	15
3. A RELIGIÃO E A HOMOSSEXUALIDADE.....	18
4. A FAMÍLIA E A HOMOSSEXUALIDADE.....	20
4.1. Conceito de família.....	20
4.2. Construção da identidade gay.....	22
5. VIOLENCIA, DISCRIMINAÇÃO E SUAS CONSEQUENCIAS:.....	24
5.1. Violência contra os homossexuais.....	24
5.2. A população LGBT em situação de rua e a intervenção do assistente social.....	27
6. A JUVENTUDE E OS DESAFIOS FRENTE À DEFINIÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NO LITORAL PARANAENSE:.....	30
6.1. Realidade social e cultural.....	30
6.2. Homofobia no Paraná e Litoral Paranaense.....	32
7. PESQUISA E RESULTADOS OBTIDOS.....	35

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 42

APÊNDICE 1..... 48

1. INTRODUÇÃO

A questão da sexualidade, apesar de ser um foco constante em todas as sociedades através dos tempos, tem no momento atual seu apogeu em termos de debates e aberturas a novas idéias em face de processos que se anunciam em movimentos diversos e que se reproduzem para fora do mundo acadêmico, enquanto novidade, moda, tabu e pré-conceito. Entendemos que é preciso alterar o modo pelo qual a temática tem sido tratada no âmago da sociedade, ou seja, de modo acrítico e descontextualizado. O que em suma, remonta em opiniões que são sustentadas e reproduzidas em larga escala, através da indústria cultural, seja através de culturas de consumo e/ou pela criação de condutas punitivas que têm levado diversos jovens brasileiros (as) a morte.

Nesse contexto, elencamos a história da sexualidade, o gênero e a orientação sexual, enquanto as categorias explicativas de maior relevância para esse estudo. Reforçamos a importância e a aplicabilidade dessa pesquisa, dado que a decisão, por parte dos indivíduos, de assumirem sua efetiva orientação sexual, tem sido cada vez mais latente. Fato social que tem atravessado as relações humanas e tem revelado desdobramentos que influenciam na formação do sujeito humano, seja em aspectos físicos e/ou psíquicos.

A historicidade teve papel fundamental na abordagem, tendo em vista que partimos da compreensão da história para compreender as determinações postas ao comportamento humano durante diferentes períodos temporais (fossem de caráter cultural, político e/ou social). Nos referimos às crenças, os costumes e aos modos como criamos instituições e regras de conduta em determinado momento da História.

Cabe apontar que somente através do levantamento histórico, nos foi possível discutir a questão de gênero e a sexualidade, pois ainda que as temáticas anunciadas tenham alcançado maior visibilidade na atualidade, não são próprias da contemporaneidade, dado que se originam nas sociedades mais antigas da sociedade (do mesmo modo, como não é exclusividade do ser humano).

A proposta central do trabalho foi abordar o processo de aceitação, rejeição e outros possíveis aspectos advindos da conduta familiar diante da tomada de decisão frente a orientação sexual dos(as) jovens. No estudo procuramos abordar também, a constituição da família através dos tempos e o importante papel que as religiões desempenharam e ainda desempenham nesse quesito (dado a urgência e a atualidade dos debates sobre a possibilidade de alterações no ordenamento jurídico pátrio a fim de abarcar as reivindicações dos grupos que visam a adaptação à uma nova realidade).

Para melhor abranger o objetivo, aplicamos entrevistas semiestruturadas com jovens que assumiram sua condição nos últimos cinco anos. Partimos da compreensão de que o aprofundamento da questão e sua contextualização devem ser abordados, de modo que, possam anunciar e quem sabe traduzir parte da realidade vivenciada pelos jovens elencados enquanto sujeitos da pesquisa.

Buscamos desenhar um caminho de pesquisa quanti-qualitativo, voltado a valorar a fonte empírica, tendo em vista que análises científicas sobre o tema ainda carecem de comprovações e por vezes, já se provaram contraditórias. Contudo, não deixamos de dar o devido peso aos referenciais teóricos, visto que partimos das experiências já visualizadas para anunciar nossas descobertas sobre o tema.

A fim de dar conta dessas questões, partimos de um levantamento bibliográfico que pudesse dar sentido a conjuntura atual e para tal, no primeiro capítulo, nos debruçamos a apresentar as questões sociohistoricas que permeiam o tema da sexualidade. No segundo capítulo, adentramos as tramas que envolvem esse debate no âmbito da influência da religião. Na sequência, adentramos o terceiro capítulo pontuando algumas questões essenciais no que diz respeito a constituição humana e sua relação com a sexualidade. Já no quarto capítulo, estão anunciadas as principais discussões acerca da temática da sexualidade e sua relação com a intuição familiar. No quinto capítulo, possibilitamos que a juventude ocupasse seu lugar de fala e anunciasse o que entendem por desafios, frente a descoberta e ao exercício da sexualidade, com foco nas vivencias homossexuais. E finalizamos, com as considerações gerais

acerca dos processos investigados no decorrer da pesquisa a partir do olhar do Serviço Social, frente a questão da sexualidade.

2. SEXUALIDADE: ASPECTOS SÓCIO HISTÓRICOS

Acreditamos que a homossexualidade, como qualquer outro tipo de comportamento social deve ser estudado inicialmente sob o prisma histórico, a fim de que sejam determinadas suas origens, transformações e repercussões dentro da estrutura de uma sociedade (organizada e gerida por regras comportamentais rígidas) através dos séculos.

O próprio conceito de homossexualidade se alterou em função das mudanças na própria sociedade. Existem alguns registros no mundo antigo, especialmente no Egito, na Grécia e no Império Romano, em que o tema era abordado sob um aspecto bem diverso do que nos habituamos atualmente. Posteriormente, e principalmente pela cristianização¹ do ocidente foi criada nova conceitualização, evoluindo até os dias atuais.

No Egito antigo, apesar de tolerada, a homossexualidade masculina tinha um caráter de reprovação moral, não pela questão do fazer, mas pelo fundamento de que era uma agressão, uma forma de imposição do poder de um homem sobre o outro.

Na Grécia, a pederastia (termo utilizado para relações entre jovens adolescentes e homens já adultos, que em sua etimologia significa literalmente "amante de meninos"), era amplamente difundida desde o período pré-clássico, inclusive tendo o apoio da família do jovem, que com isso provavam sua beleza e possibilitavam sua ascensão social, visto que a partir dessas relações se tornava parente do homem adulto que o cortejava, desfrutando de todos seus recursos e possibilidades, e mais que isso, como ensina o historiador Carlos Tesch:

"A relação homoerótica era fundamental para o sistema social e educativo da Grécia clássica, sendo a combinação do processo preparatório do futuro cidadão ateniense, com o amor metafísico só conhecido entre os homens. Continha ampla regulamentação

¹ **Cristianização** é o nome que se dá ao processo de conversão de indivíduos ao cristianismo. O termo pode descrever um fenômeno histórico, que provocou a conversão em massa de povos inteiros, incluindo a prática de converter práticas e culturas pagãs, além das imagens religiosas, locais de culto e calendários pagãos, para os usos cristãos, devido aos esforços dos fiéis desta religião no proselitismo cristão, baseados na tradição da "Grande Comissão".

cerimonial tanto em nível social como sexual e se considerava uma instituição entre as classes superiores. O amante adquiria a qualidade de um familiar masculino ou mentor do amado. Sua tutoria estava ratificada pelo Estado, como confirmam as leis que geriam tal relação" (TESCH, 2014, p. 02).

Porém, mesmo na sociedade grega clássica, a homossexualidade tinha uma vertente não tão aceita, que compreendia a relação entre dois homens maduros, pois se na pederastia ficava claro quem era o sujeito ativo e o passivo, em uma situação que envolvesse dois iguais poderia surgir questionamentos nesse sentido e assim, se assimilaria ao conceito egípcio de que seria a imposição da força.

O que nos leva a acreditar que a reprovação não era do ato sexual em si, mas sim de suas consequências no que se refere à submissão de um Homem em relação a outro. Dentro desse contexto, é fundamental frisar que nessas culturas, como também na Roma antiga, não havia o conceito de homo ou heterossexualidade, a divisão era feita exclusivamente considerando o ativo e o passivo na relação.

No Império Romano, mais especialmente na capital de Roma, a homossexualidade masculina era considerada algo corriqueiro e não existiam barreiras sociais ou morais, desde que cumpridas algumas exigências, como o fato de que o romano nato deveria ser o ativo na relação, e isso inclusive demonstrava que o mesmo tinha virilidade e poder sobre o passivo. Seria inadmissível e antinatural, por exemplo, que um cidadão romano fosse sodomizado² pelo seu escravo, sendo que o inverso seria natural e até mesmo motivo de honra. Também não se admitia a passividade em membros do exército, que tinham como pena o expurgo dos quadros ou até mesmo a pena de morte.

² **Sodomizar.** Fazer sexo anal com a pessoa, quer ela queira ou não, seja do sexo masculino ou feminino. No momento atual, significa fazer sexo de uma maneira brutal, e existem pessoas que gostam, é quase um estupro consentido.

Na Roma antiga, assim como, no Egito ou na Grécia, o coito homossexual masculino não era reprimido, porém existiam regras para isso, como enfoca Helton Gomes Chaves:

"Ser ativo não era um pecado, e a alta sociedade romana se vangloriava com essas práticas, pois assim demonstravam poder e virilidade submetendo o outro a seu prazer à sua dominação... existem regras a serem cumpridas que nem sempre eram seguidas pelos atores da ação, ou seja, todos em sua vida cotidiana e familiar acatavam e respeitavam todas as regras sociais e morais, que muitas vezes quebravam essas normas e se fossem pegos cairiam no descrédito e no desrespeito ou até mesmo ser condenada a morte". (CHAVES, 2007, p. 4).

2.1 DA IDADE MÉDIA ATÉ O FIM DO SÉCULO XIX

A ascensão e o poderio, cada vez maior, da Igreja Católica no mundo ocidental gerou, a partir do século V, uma notável perseguição aos que aparentavam ter orientação sexual diversa daquela que era determinada pelos textos bíblicos, segundo a interpretação a eles dada pelos estudiosos da época. Tanto que um dos maiores teólogos da Igreja, Santo Agostinho escreveu, segundo Jeffrey Richards:

"Pecados contra a natureza, por conseguinte, assim como o pecado de Sodoma, são abomináveis e merecem punição sempre que forem cometidos, em qualquer lugar que sejam cometidos. Se todas as nações os cometessem, todas igualmente seriam culpadas da mesma acusação na lei de Deus, pois nosso Criador não prescreveu que pudéssemos utilizar uns aos outros dessa maneira. Na realidade, a relação que devemos ter com Deus é ela mesma violada quando nossa natureza, da qual ele é o Autor, é profanada pela lascívia perversa" (RICHARDS, 1993, p. 136).

Esse texto, é de um dos maiores ícones do catolicismo medieval, espelha com clareza qual foi a direção dada pela Igreja em relação ao assunto, mesmo após as reformas de Lutero e Calvino, a caça aos homossexuais não arrefeceu, ao contrário, teve um incremento ainda maior, pois se dentro da Igreja católica, em certos momentos houve um abrandamento em função de certa tolerância papal, os protestantes, especialmente aqueles da vertente pentecostal radicalizaram ainda mais o discurso, o que ainda reflete nos dias de hoje.

Com o advento do Iluminismo no século XVIII, a ciência começou a se expandir, e a partir desse momento a relação entre pessoas do mesmo sexo perdeu sua conotação de pecado e adquiriu um novo conceito, o de doença mental, em que o tratamento necessário seria em casas psiquiátricas, sendo o paciente submetido a todo tipo de atrocidades em nome da cura pela medicina.

Foi nesse período que surgiu o termo "homossexual", utilizado até hoje, cunhado pela médica do então império Austro-Hungaro Karoly, Maria Benkert em 1869, que definiu o comportamento como uma anomalia a ser estudada pela ciência, o que perdurou até 1985, quando o homossexualismo foi retirado da relação de patologias da Organização Mundial de Saúde.

2.2 DO SÉCULO XX ATUALIDADE

No início do século XX, o psicanalista S. Freud, buscou uma nova explicação para a existência do homossexualidade, não mais ligada a uma patologia, como era a teoria mais aceita até então, e sim como um produto de relação edipiana do filho com a mãe, em que ele busca ser ela em função de uma comum identidade sexual. Durante grande parte do século 20, a teoria freudiana conviveu com a da patologia, sendo que os portadores desse "desvio" eram sistematicamente reprimidos e colocados à margem da hegemonia moral da sociedade

Nos anos 1960, aproveitando as grandes mudanças de comportamento em diversos segmentos sociais, os ativistas da causa se articularam a fim de expor seus posicionamentos e lutar pelos direitos e libertar os homossexuais da amarras da moral e da ciência discriminatória. Fato notável ocorreu em Nova York no dia 28 de junho de 1969, quando surgiu a nomenclatura gay para designar os homossexuais, segundo Roldão Arruda, foi a "queda da bastilha do movimento gay":

"na virada de 27 para 28 de junho de 1969, em Nova York. Mais exatamente na Christopher Street, rua do Greenwich Village, onde funcionava o Stonewall Inn, bar cuja clientela era constituída sobretudo por jovens e animados gays. Lá pelas tantas, uma patrulha policial invadiu o bar, com ordens para prender seus funcionários e jogar todo mundo na rua, alegando descumprimento das leis locais sobre venda de bebidas alcoólicas. Não era uma ação incomum.

Frequentemente policiais entravam acintosamente em bares como aquele, provocando a debandada dos fregueses, que temiam ser presos e identificados publicamente como gays. Naquela noite, porém, por uma conjunção de fatores ainda não completamente explicados, os fregueses não fugiram. Eles enfrentaram os policiais e, ao serem atacados, responderam com um bombardeio de garrafas, copas, cadeiras, tudo que encontraram ao alcance da mão. Os policiais revidaram e foi assim que, na madrugada do dia 28, teve início a Batalha de Stonewall Inn, que mobilizou frequentadores de bares gays vizinhos, do bairro e até de outras regiões da cidade. O conflito se estendeu por um fim de semana inteiro. Grupos de gays e travestis irrompiam o tempo todo de diversos locais gritando palavras de ordem. "Sou bicha e me orgulho disso", diziam. A batalha chamou a atenção da imprensa e de políticos e provocou debates sobre o arbítrio policial. Como resultado, daquele fim de semana em diante, o tratamento aos gays em Nova York mudou. Passaram a ser mais respeitados."(Roldão Arruda, Artigo no portal do jornal Estado de São Paulo, 2012).

No Brasil, o tratamento dado aos homossexuais seguiu os padrões internacionais, sendo que a partir de 1970, as organizações de defesa de direitos das minorias foram criadas e iniciaram um lento processo de inserção dessa comunidade na sociedade aberta.

A partir dos anos 1990, o capitalismo industrial e comercial se voltou para essa fatia do mercado, lançando produtos específicos, bem como revistas, jornais e outras publicações. Começaram a ser vistos como um consumidor que tem capital para gastar. Apesar dessa nova visão, a discriminação ainda é pungente e muitos homossexuais vivem à margem da sociedade ou não assumem sua condição por imposições morais e sociais. Tal paradoxo é fruto ainda da visão herdada do período anterior, em que a hierarquização da moral era latente e se choca com os interesses do capital, criando uma situação inusitada em que o homossexual é visto de soslaio pela sociedade conservadora, porém como um consumista em potencial em relação aos interesses puramente econômicos.

Outra questão interessante, é que no final dos anos 1990, o biólogo canadense Bruce Bagemihl, publicou um estudo intitulado "Biological Exuberance" em que cita diversos exemplos de comportamento homossexual em várias espécies, desde insetos até mamíferos. Tal publicação gerou grande polêmica em face de ter sido utilizada como exemplo científico de que a homossexualidade não é exclusiva dos seres humanos, porém o próprio autor enfatiza que não teve a pretensão de justificar algo e sim de fazer

comparações empíricas, que segundo a análise de Ricardo Miotto podem ajudar a moldar a evolução:

"A conclusão do estudo é que não existe apenas uma vantagem universal. Ao contrário, a homossexualidade ajudou as espécies de diferentes formas ao longo da evolução. O nome designa, então, vários fenômenos diferentes, com motivações distintas." (MIOTTO, 2016, p. 02)

Nesse período histórico, um dos pensadores que mais se destacou em analisar a homossexualidade dentro de um prisma próprio foi o parisiense Michel Foucault. Para ele a liberação não pode ser confundida com liberdade, ou seja, o fato do homossexual manter-se anônimo seria um direito seu e que corresponderia a uma liberdade própria sem que fosse estigmatizado pelos movimentos libertários, pois a busca em criar uma nova categoria dentro da sexualidade teria o condão de trazer repercussões nefastas ao individualizar a conduta trazendo a sujeição ao sistema vigente.

Foucault traz também que a sexualidade não pode ficar restrita ao chamado sexo-rei, aonde tudo é movido pelo prazer sexual, que centraliza as atividades humanas e a conduta de seus agentes, sendo necessária a busca de outras formas de prazer, seja pela alimentação, arte, beleza, religião, contatos sociais e pelo que ele chama de sublimação, que seria o prazer por sentir-se útil e produtivo. Assim o indivíduo aumenta suas possibilidades, ampliando os horizontes da felicidade, como diz Sandra Mendes:

"Isso não significa, para ele, deixar de lado o desejo, a vontade e a própria manifestação de sua forma de ser. Significa, pelo contrário, uma maior gama de possibilidades de se buscar a felicidade, não se fixando exclusivamente na sexualidade, como se fosse o único caminho de se obter prazer na vida. Vive-se modernamente num empobrecimento das relações causado pelas instituições" (Sandra Mendes, Revista de Psicologia, 2007, p. 259)

Sem a pretensão de esgotar Foucault nessa breve análise, porém pode-se auferir o pensamento diferenciado do filósofo francês, tanto na questão da liberdade quanto na desmistificação da sexualidade como principal condutora da felicidade do ser humano.

3. A RELIGIÃO E A HOMOSSEXUALIDADE

Antes de adentrar especificamente na relação da família com o jovem homossexual, se faz necessário analisar o posicionamento de uma das instituições que mais influenciam no pensamento do núcleo familiar, especialmente no que tange aos comportamentos sociais dos indivíduos, as igrejas. Segundo o Censo de 2010, a religião católica abarca 64,6% da população brasileira, enquanto igrejas cristãs não católicas contam com 22,2%. Interessante observar o crescimento daqueles que se declaram sem religião, que chegou ao patamar de 8,0% no referido levantamento. Esses dados estatísticos ajudam a explicar algumas situações de intolerância e dificuldade de inserção do jovem homoafetivo no seio familiar.

Parte das religiões ainda pregam que a homossexualidade é um sério desvio de comportamento moral, sendo assim, para aqueles pais que sofrem influência do seu líder religioso, a orientação sexual de seus filhos pode se tornar um fardo, não só porque os desagrada, mas também a Deus, e que tal escolha deve ser combatida veementemente, como afirmou o conhecido pastor Silas Malafaia em entrevista à apresentadora Marília Gabriella no dia 03 de fevereiro de 2013:

“A mãe de um bandido ama profundamente o filho, mas pergunte se ela concorda com aquilo que ele faz? Amar a pessoa é uma coisa, concordar com a prática é outra. Eu amo os homossexuais, mas discordo 100% de suas práticas. Amo os homossexuais como amo os bandidos, os assassinos...” (Marília, 2013, 35:08)

É bem evidente que um dos expoentes das religiões pentecostais comparam o desvio da sexualidade com o crime de homicídio, colocando-os em pé de igualdade no que tange a reprovabilidade. Durante a entrevista citada acima e em diversas outras oportunidades, através de argumentação baseada em preceitos religiosos, filosóficos, morais e até jurídicos, Malafaia constrói uma imagem para o homossexual como sendo uma opção incorreta ou mesmo um desvio de conduta que pode ter sido ocasionado por algum problema psíquico, e dentro de sua excelente retórica leva tal conceito a quase totalidade da sua comunidade espiritual que a aceita e a reproduz, com pouco ou sem nenhum tipo de questionamento. Malafaia é um exemplo, mas não o único,

pois tal linha de pensamento é comungada pelas diversas denominações evangélicas, algumas com mais, outras com menor ênfase.

A Igreja Católica Apostólica Romana, tradicionalmente considera a homossexualidade uma afronta à lei natural. Em sua publicação máxima sobre as crenças da religião e no qual é baseada toda a formação dos clérigos e leigos existe um capítulo específico sobre o tema composto de três parágrafos em que diz:

"os actos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados. São contrários à lei natural, fecham o acto sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afectiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados. (§ 2358, Catecismo na Igreja Católica, segunda seção, capítulo segundo)

Porém nos parágrafos seguintes, buscam, em linguagem conciliadora uma aproximação, informando que devem ser acolhidos "com respeito, compaixão e delicadeza" e evitar qualquer tipo de discriminação injusta. Porém, em complementação, informa no parágrafo 2359 que os homossexuais devem exercer o autodomínio, a fim de praticar a castidade, pois se eles não conseguem deixar de ser que, ao menos, não pratiquem o pecado.

Tal conceito católico romano aparenta uma certa contradição, porém retrata uma nova postura, não tão radical com relação ao tema, dando certa abertura para a integração, porém não deixa de expor ao seu público interno que a conduta homossexual é uma afronta a Deus e às Sagradas Escrituras.

A breve análise religiosa ficará restrita a esses dois grupos, "católicos e evangélicos", pois constituem quase 90% daqueles que se declaram seguidores de alguma religião. Porém o que é de fundamental importância é compreender que em um País aonde a percepção de religiosidade é bastante latente, tais ensinamentos afetam diretamente o trato que a sociedade, e em especial, a família, terá com aquele que assumir sua condição.

4. A FAMÍLIA E A HOMOSSEXUALIDADE

4.1 CONCEITO DE FAMÍLIA

Inicialmente é fundamental a concepção do conceito de família ou núcleo familiar, sendo que o mesmo sofreu fortes mutações através da História, além do fato de existirem contextualizações em diversos modos, como o biológico, social, cultural, religioso, jurídico, econômico, psicológico, etc. A mais recente alteração nessa teorização partiu do Supremo Tribunal Federal, em julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4277 no ano de 2011. O texto do Código Civil define entidade familiar como sendo:

“é reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”.(Artigo 1723 do Código Civil Brasileiro).”

O entendimento geral, até o julgamento da referida ADI, era que o texto deveria ser seguido literalmente, ou seja, que uma entidade familiar seria composta de um homem e uma mulher, e como consequência seria inviável juridicamente a união civil entre pessoas do mesmo gênero. Porém, em função das transformações de costumes já arraigadas na nova sociedade ocidental em que se tornou bastante comum a união de fato entre homoafetivos³, a Corte Suprema achou necessário reinterpretar o referido parágrafo. Assim, os julgadores, sem alterar a letra da lei, decidiram que se pode considerar uma entidade familiar não só homem/mulher, mas também homem/homem e mulher/mulher.

A família se confunde com a própria criação das sociedades, quando o ser humano, através de necessidades naturais, se viu compelido a criar núcleos de convivência, objetivando a sobrevivência e a perpetuação da espécie. Com o aumento populacional e o crescimento territorial, essa organização tomou formas mais complexas, inclusive pelo fato de se conceber

³ **Homoafetivo** é o adjetivo que qualifica uma pessoa que gosta e sente atração por pessoas do mesmo sexo. O termo homoafetivo foi criado para diminuir a conotação pejorativa que se dava aos relacionamentos homossexuais, e tornou-se uma expressão jurídica para tratar do direito relacionado a união de casais do mesmo sexo. (Nunes, 2016, p. 01)

a ideia de descendência sanguínea, que seria um elo indissolúvel entre os seus membros.

Etimologicamente a palavra "família", criada na Roma Antiga, já traz em si o conceito de como a mesma era vista naquele momento, pois deriva da palavra latina "famulus", cujo significado seria "servo" ou "escravo", pois a mulher pertencia ao marido e devia obediência cega ao mesmo e filhos (as) eram tidos como propriedade do genitor, a quem deviam o fato de terem sido concebidos, dessa maneira observa-se que os pais detinham poder completo sobre aqueles que tinham gerado, como explica Mariana Nogueira:

"A palavra familia deriva do latim famulus, que significa o conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor. Na verdade, entre os antigos gregos e romanos entendia-se que esposa, filhos, servos livres e escravos eram fâmulos (servos) de um patriarca" (Mariana Nogueira, A Família: Conceito e Evolução Histórica, p.10)

Dentro do aspecto religioso, contextualizando o texto bíblico, surgem diversas vertentes que buscam basear seus posicionamentos através dos escritos sagrados, assim para alguns, se justifica a imposição da vontade paterna sobre os desejos individuais dos filhos e mesmo da esposa, pois ele como provedor maior e detentor da sabedoria adquirida através da experiência teria o condão de exigir o comportamento adequado, que não trouxesse vergonha para o clã. Algumas passagens parecem corroborar tal tese:

"Filho meu, ouve a instrução de teu pai, e não deixes o ensino de tua mãe. Porque eles serão uma grinalda de graça para a tua cabeça, e colares para o teu pescoço" [...] "Instrui o menino no caminho em que deve andar; mesmo quando ele for velho, não se desviará dele" (Provérbios 22:6; 1:8-9).

"Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo. Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres o sejam em tudo a seus maridos." (Efésios 5:22-25, 28).

Essa visão é bastante distorcida, pois pressupõe uma superioridade inata em todas as questões humanas por parte do pai/marido. Para uma análise profunda deve-se caminhar para um conceito teológico, com visão histórica, e não ater-se literalmente ao que está escrito, sob pena de deturpação dos ensinamentos daqueles que o escreveu. Mas como parte

integrante desse estudo, podemos analisar que as opções seguidas pelos jovens, notadamente no campo da sexualidade são consideradas por muitos como um atentado a Lei de Deus.

4.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE GAY

Não existe uma fórmula única para definir de que maneira e em que momento o menino ou menina sente atração por pessoas do mesmo gênero, não como apenas uma curiosidade, mas sim como algo determinante em sua composição psicológica e fisiológica. É comum, na infância e depois na adolescência, que dentre as brincadeiras existam certos jogos sexuais, que fazem parte da descoberta da própria identidade sexual.

Em grande parte das vezes, é no momento da brincadeira que começam os sentimentos homoeróticos, mesmo que muitas vezes não sejam identificados pela própria inocência da criança, mas que em fase posterior a adolescência, começam a florescer.

Segundo Izaac Azevedo dos Santos a adolescência é o período da vida dos jovens onde as práticas do discurso relacionam-se com a construção da identidade social:

[...] dessa forma, o termo adolescência é usado para descrever tanto as mudanças físicas da puberdade como os aspectos psicológicos e sociais que caracterizam essa etapa da vida...cada adolescente constrói o seu homoerotismo sem seguir um modelo, pois há uma infinidade de formas que podem assumir as relações entre os homens e mulheres e também variam segundo lugares e épocas históricas" (Azevedo, 2008, p. 33").

No mundo tido como "normal", tudo é voltado para as relações heterossexuais, direcionando os adolescentes a buscar uma parceira de sexo oposto, pois assim as facilidades no meio escolar, familiar, cultural e social podem ser usufruídas. Mas ao se descobrir "diferente" de seus colegas nesse quesito, percebendo que a atração reside no mesmo gênero, emerge a necessidade de um posicionamento, que pode afetar toda sua vida futura, porque não terá como desfazer tal revelação perante os demais.

Tradicionalmente o(a) adolescente, tende a se afastar dos amigos heterossexuais, objetivando se preservar de possíveis atos vexatórios, e com

isso tende ao isolacionismo e com isso efeitos colaterais podem surgir, como isolamento, depressão, entre outros, como baixa autoestima.

Para os que são mais próximos desses adolescentes (que estão passando pela experimentação da sexualidade), persiste a ideia de que o desconhecimento da vida sexual, é o grande vilão. Como afirma Izaac Azevedo dos Santos:

"Para familiares e os colegas, o sujeito homossexual é uma pessoa que não teve relações com o sexo oposto: se as tivesse tido, ele não seria homossexual. Ou ainda, acredita-se que os homossexuais tem pavor do sexo oposto. Na verdade, muitos homossexuais, homens e mulheres, fizeram esforço para ter experiências heterossexuais - seja para experimentá-las, seja para negar sua homossexualidade. Esse tipo de atitude é mais comum do que se imagina e faz parte da construção da identidade gay" (Azevedo, 2008, p. 35")

5. VIOLENCIA, DISCRIMINAÇÃO E SUAS CONSEQUENCIAS:

5.1 VIOLENCIA CONTRA OS HOMOSSEXUAIS

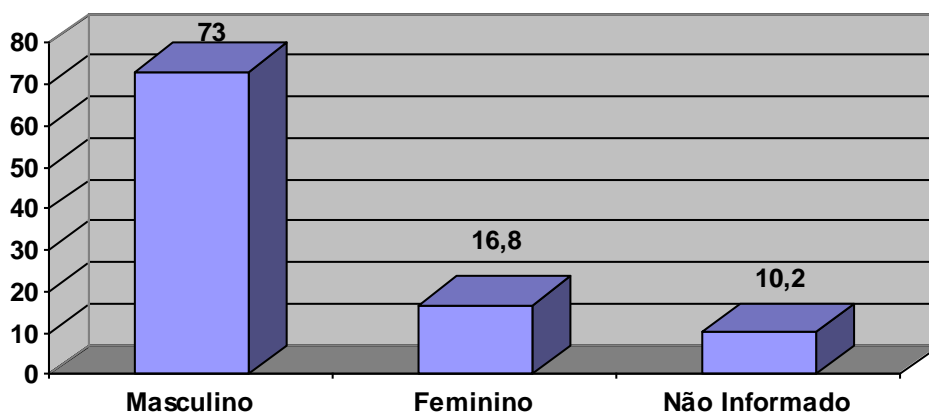
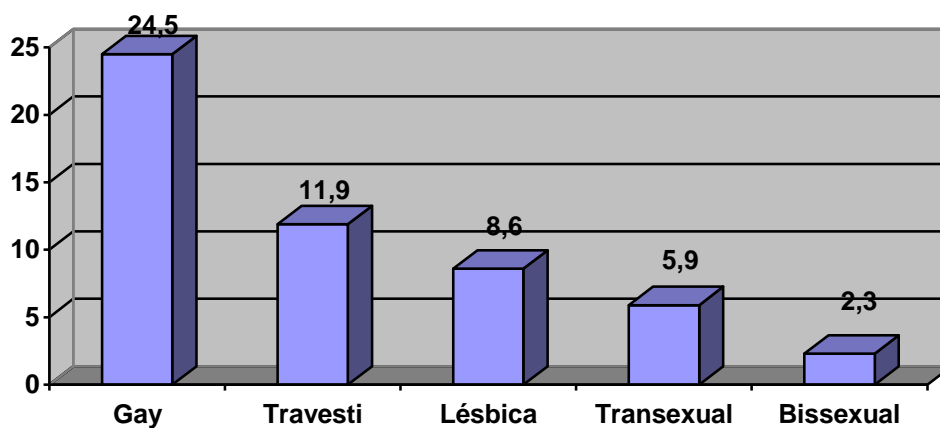
A violência no Brasil, assola a população em geral de todas as formas possíveis, faz parte da rotina da maioria dos cidadãos, visto que se trata de um País cuja repressão ao crime é ineficaz e que a morosidade do judiciário em face das permissividades legais traz a sensação de insegurança constante. Nesse contexto, a especificidade da violência cometida contra pessoas pelo simples fato de sua orientação sexual é ainda mais tenebrosa, pois extrapola a violência comum e adentra em um aspecto mais soturno da natureza humana, assemelhado aos crimes de racismo, sem que tenham a mesma proteção legal destes.

No ano de 2013, a então Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, publicou um detalhado estudo sobre o tema da violência homofóbica no Brasil, baseado no chamado disk denuncia, que traz dados bastante específicos sobre o tema, que podem servir de fundamento para a análise da questão, mesmo que, conforme o próprio relatório cite, as informações podem ser subdimensionadas, em face da característica peculiar do tema pela falta de notificações oficiais e pela própria sobreposição das denúncias, ou seja, pessoas que sofrem a violência independente do fato de serem homossexuais.

Os dados completos do estudo podem ser acessados no portal <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>, e para fins do presente trabalho serão utilizados àqueles mais relevantes para compreensão do assunto.

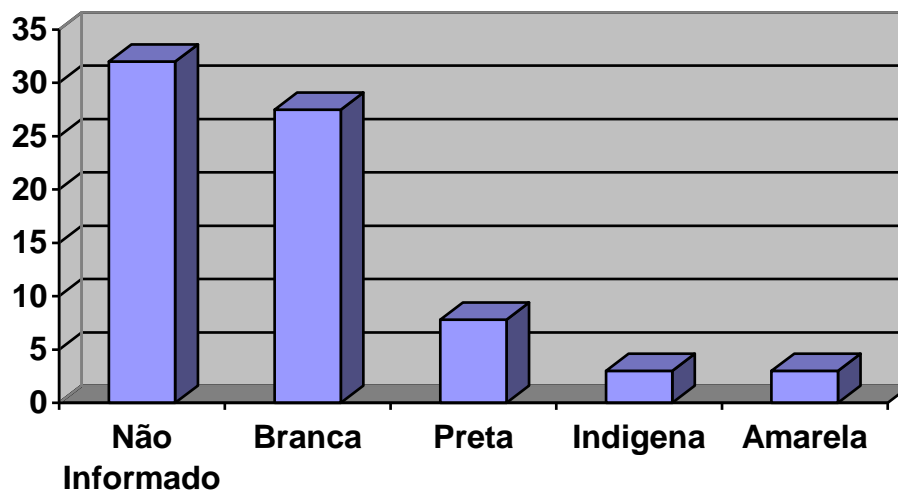
Pelo referido estudo, 73% dos que sofreram violência denunciada são do sexo biológico masculino, 16,8% feminino e 10,2% não informado. Essa informação parece trazer a questão de que os homossexuais masculinos são muito mais sujeitos a perseguição homofóbica do que as femininas, em função de uma maior aceitação dessas pela sociedade prioritariamente com formação

histórica e cultural machista. Tal tese pode ser sustentada, mesmo que de forma incipiente, primeiramente em face dos próprios dados estatísticos e em segundo plano pela percepção de que o homem, que é o agressor prioritário, enxerga o homossexualismo masculino como algo reprovável a seu próprio gênero enquanto tende a ser mais condescendente com o feminino. Dentro as vítimas, 46,8% preferiram não fazer sua identificação sexual, enquanto 24,5% se declaram gays, 11,9% travestis, 8,6% lésbicas, 5,9% transexuais e 2,3% bissexuais. Informação bem clara de que o receio sobre assumir a identidade sexual ainda é maioria nesse espectro da população.



Com relação à cor da pele, o estudo demonstra que 46% pertencem ao substrato pardo/negro/índio/amarelo, em contraposição a 27% de brancos, mesmo percentual de não identificados. A maioria é jovem, entre 18 e 30 anos, computando 54% dos casos. Essas informações são similares as estatísticas

gerais de violência, que também ocorre, em sua maioria entre os jovens e pardos/negros.



Outras informações fundamentais coletadas pelo estudo, demonstram que os locais de violação de maior incidência são a rua e a casa da vítima, o que demonstra que o o homossexual está mais vulnerável naqueles locais em que deveria se sentir seguro, sob a proteção familiar ou do poder público. Como violência não se deve entender apenas aquela física, mas também a psicológica (humilhação, hostilização, ameaça, etc) e discriminatória, que trazem um prejuízo a própria psique do violado, que se aproxima de 80% dos casos relatados. No campo da violência física, aproximadamente 90% se referem a lesão corporal e maus tratos. Os casos extremos, de tentativa de homicídio e homicídio correspondem a 8% do total, um número bastante considerável.

Dentro dessa questão, segundo o portal oglobo.com, citando como fonte o Grupo Gay da Bahia (GGB), no ano de 2016 foram assassinados no Brasil 343 pessoas por questões homofóbicas, ou seja, quase uma por dia. Também alerta que esse número é oficial, que não retrata a realidade em face da já citada subnotificação, ainda o maior problema para a coleta de informações fidedignas, porém já demonstra a gravidade da situação, especialmente se comparados a anos anteriores (130 homicídios em 2000 e 260 em 2010). Esse mesmo levantamento aponta que a capital mais violenta é Palmas no Tocantins, com uma taxa de 15,07 vítimas por milhão de habitantes, enquanto

a menor é São Luís no Maranhão, com a taxa de 0,94 por milhão. Curitiba é a décima segunda, com taxa de 2,68.

Especificamente no caso dos travestis e transexuais a questão é ainda mais preocupante, pois segundo os portais odia.ig.com.br e terra.com.br, citando dados de relatório da ONG Internacional Transgender Europe, o Brasil é campeão mundial nessa triste modalidade, com 486 mortes notificadas no período de 2008 a 2013, quatro vezes mais que o segundo colocado, o México.

5.2 A POPULAÇÃO LGBT EM SITUAÇÃO DE RUA E A INTERVENÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL

Uma das consequências mais nefastas das atitudes discriminatórias dentro da família em relação ao membro que assume sua homossexualidade é seu afastamento compulsório do seio parental, fazendo com que o jovem tenha que tomar outros rumos na vida, se afastando daqueles que deveriam zelar pela sua proteção e segurança, gerando como uma das consequências possíveis o caminho de uma vida em situação degradante pelas ruas das cidades, o que muitas vezes agrava as situações patológicas, em especial aquelas vinculadas ao vírus HIV, como diz Marcos Roberto Vieira Garcia (2013, p. 3):

"A população em situação de rua no Brasil, a exemplo dos *homeless* norte-americanos, tem sido apontada como bastante vulnerável à infecção pelo HIV, justamente pela amplificação da situação de miséria econômica que nela observamos, fato que soma ao abuso comum de substâncias psicoativas, à falta de moradia fixa e à marginalização e à violência a que está submetida" (apud Malta, Petersen, Clair, Freitas, & Bastos, 2005).

O que muitas vezes ocorre, independente da aceitação familiar, é o afastamento voluntário em virtude da necessidade de um apoio efetivo, que dificilmente encontrará nas instituições tradicionais, como a família, a escola, o trabalho ou a igreja, sendo mais facilmente alcançado em grupos de amigos que detém os mesmos interesses e em locais abertos ao tema, como em bares e boates específicos, promovendo a gradual imersão na vida noturna e em

algumas situações mais extremas nas drogas ilícitas, que também podem levar o jovem a perambular pelas ruas, em situação de eminente risco social, tendo que ser amparadas pelo Estado e pelos profissionais do Serviço Social, como bem descreve Machado:

"Estes usuários em situação de rua que pertencem ao grupo LGBT sofrem com a discriminação e dificuldades, tal como a homofobia, o abandono familiar e o estigma causado pelo intenso preconceito no ambiente familiar, laboral, escolar etc. Sendo assim, as principais questões vivenciadas por pessoas de um grupo social específico, que devido às complicações estruturais expostas pela dinâmica social da conjuntura atual, passam pela situação de rua sendo forçadas a procurar assistência por parte das forças locais." (Machado, 2015, p.61).

Conhecer tal realidade, principalmente a conjuntura dos fatos vivenciados por esse grupo em específico, ou seja, homossexuais, jovens ou não, em situação de rua é papel primordial do profissional Assistente Social, pois a diferenciação em relação a outros segmentos que também vivem em situação de rua é que deste grupo em específico, muitos não desejam estar lá, chegaram a tal situação em face de exclusão familiar.

Importante salientar, que grande parte deles sentem-se culpados pela situação criada, pela sua orientação sexual ser diferente daquela socialmente aceita e isso afeta de forma intensa a psique do mesmo, achando que carrega uma espécie de maldição incontrolável que o levou ao estado lastimável de abandono e miséria, e isso deve ser levado em consideração quando da abordagem do profissional, pois cada um terá uma História única para contar e assim deverá ser elaborada a constatação no ato interventivo, como afirma Machado (2015, p. 63):

"O momento da entrevista é um espaço que o usuário pode exprimir suas ideias, vontades, necessidades, ou seja, que ele possa ser ouvido (em tempo: ser ouvido não é concordar com tudo o que usuário diz). Estabelecer essa relação é fundamental, pois se o usuário não é respeitado nesse direito básico, não apenas estaremos desrespeitando-o, como prejudicando o próprio processo de construção de um conhecimento sólido sobre a realidade social que ele está trazendo, comprometendo toda a intervenção." (apud Souza, 2008, p. 17).

Segundo os dados oficiais da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura de São Paulo, em 2015, cerca de 9% de toda população de rua da capital paulista pertence ao segmento LGBT, se considerarmos que, em números absolutos são 16 mil moradores de rua, teremos que cerca de 1.500 fazem parte desse grupo.

Ampliando um pouco mais, fazendo uma analogia estatística com os dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) do ano de 2017, de que no Brasil são cerca de 100 mil em situação similar, chegamos ao incrível número de 9 mil homossexuais vivendo nessas condições, sendo que o principal motivo, segundo o referido portal é a exclusão familiar. Ou seja, o profissional da área do serviço social, que almejar desenvolver um trabalho específico sobre esse grupo, terá um árduo caminho pela frente, pois as intervenções preventivas deverão ser feitas no ambiente originário familiar, que pela própria exclusão pretérita de seu ente familiar possivelmente serão altamente reticentes, observando que os atingidos já estarão em um patamar de exclusão e discriminação de alto grau.

6. A JUVENTUDE E OS DESAFIOS FRENTE À DEFINIÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NO LITORAL PARANAENSE:

6.1 REALIDADE SOCIAL E CULTURAL

Após transitarmos com informações gerais sobre a comunidade homossexual, relativa a sua formação, dificuldades enfrentadas, estatísticas nacionais e realidade pretérita e contemporânea, é de suma importância a análise mais localizada dentro do microcosmo do litoral paranaense, objetivando visualizar e entender suas peculiaridades, considerando que esse substrato é aquele com que temos e teremos o contato efetivo e direto, buscando a compreensão e a própria diferenciação em relação ao universo mais amplo e genérico.

O litoral paranaense é o segundo menor litoral em extensão de todos os estados brasileiros banhados pelo oceano Atlântico, possui características que o tornam de alto grau de complexidade na análise sócio/cultural, em face da diversidade geográfica e certo isolacionismo de algumas comunidades, em especial daquelas da região de Guaraqueçaba e das diversas ilhas que compõem a baía de Paranaguá. Da mesma forma apresenta grande contraste social, pois algumas das regiões são utilizadas por pessoas de alto poder aquisitivo, que se deslocam da capital e de cidades do interior para gozar seus momentos de lazer, enquanto outros locais são completamente abandonados pelo poder público, e são via de regra são habitados pela população autóctone, esse contraste é apresentado pela professora Mirian Cristina Lopes, quando se refere ao Balneário de Caiobá, no município de Matinhos:

"Um dos exemplos mais visíveis desse desenho está localizado em Matinhos, no balneário de Caiobá. O bairro que além de centralizar muitos banhistas e um número significativo de prédios e casas de alto padrão, reúne diversos serviços diferenciados que demarcam que a área pertence a elites. A maior parte dos recursos públicos, destinados a melhorias na infraestrutura são aplicados em Caiobá, onde vive apenas 15% da população. Nessa região a manutenção por parte do serviço público é frequente, há câmeras de segurança em todo o espaço de orla, a ciclovia e o calçadão destinado aos passeios à beira mar, é iluminado, bem conservado, com segurança garantida por 24h pela polícia militar, ou seja, a manutenção da infraestrutura é bem melhor do que a dos outros bairros" (LOPES, 2014, p. 37)

Enquanto Caiobá apresenta esse desenho, outras localidades vivem à margem da atuação estatal e empresarial, tanto no campo político como no social, o que faz com que a população permanente traga arraigada um certo sentimento de abandono, e isso reflete diretamente na formação da juventude, com consequências diretas no tema abordado relativo a sua sexualidade, pois a falta de oportunidades de trabalho e de desenvolvimento cultural trazem em si uma certa ociosidade e comodismo das famílias, impossibilitando o desenvolvimento sócio/cultural e trazendo assim em seu bojo a estagnação no acompanhamento das evoluções comportamentais, fazendo com que a discriminação àqueles que fogem do padrão conservador seja potencializada. Esse comodismo, herdado pelos jovens de suas famílias, acaba por gerar a não busca pelos direitos, como bem cita Mirian Lopes:

"O que leva a compreensão de que a garantia do direito está mais relacionada a atitudes, a ações e a comportamentos do que a formulações legais, o poder real está na defesa em prol dos direitos. É essa a força que a população tem deixado de usar, o poder de pressionar, de reivindicar, de defender-se, pois na medida em que se defende da ausência e/ou da negligência dos direitos é que realmente existem e a lei os respeita." (LOPES, 2014, p. 139)

Outra questão relevante à sazonalidade, não só das oportunidades de emprego, como da própria convivência social, que reflete muito mais no jovem do que nos adultos, em face da necessidade inata destes em se integrarem com outros que detêm interesses e ideias semelhantes, e o sexo, nesse contexto desempenha papel de relevância, tanto para as pessoas os hetero quanto para os homossexuais. Assim, em épocas de alta temporada, a tendência é de atividade muito mais intensa, com troca de experiências com visitantes, que chegam de todas as partes, especialmente da capital paranaense, porém quando essa época festiva termina, cria-se certo vazio nos residentes em virtude da severa diminuição das relações sociais. Dentro desse prisma Denardin, Abrahão e Quadros, em estudo específico sobre a população de Matinhos descreve:

"Como resultado desfavorável da dinâmica econômica local, a geração de trabalho e renda concentra-se em apenas três meses do ano. Tal sazonalidade impõe um forte déficit de empregos formais vis-à-vis a população economicamente ativa, sobretudo nos períodos de baixa temporada, acarretando problemas sociais os mais diversos.

Se, como vimos, a juventude é a vítima principal do desemprego no país, em Matinhos a questão, somada à falta de opções culturais e de lazer, ganha contornos dramáticos, com implicações diretas nas visões e atitudes dos jovens da cidade." (DENARDIN, ABRAHÃO e LOPES, 2011, p. 77)

6.2 HOMOFOBIA NO PARANÁ E LITORAL PARANAENSE

Levando em consideração as especificidades apresentadas no tópico anterior, relativas a diferenciação entre a vida do jovem residente no litoral paranaense e dos demais centros metropolitanos, é possível visualizar que a discriminação também tem suas características próprias, porém não tão latentes como na questão antropológica vinculada a regiões geográficas, pois a violência física e psicológica sofrida pelo homossexual tem sua potencialização mais ligada a condição sócio/econômica e cultural.

Exemplos de atos homofóbicos podem acontecer em qualquer lugar, como o relatado no portal da gazetadopovo.com.br, acessado no dia 15 de maio de 2017, em que ao transitar de mãos dadas pelo abastado e tradicional bairro do Batel em Curitiba, um casal de homossexuais do gênero masculino foram interpelados por um homem, que acionando a ré do automóvel, bradou: "solta a mão dele e sai correndo senão eu dou um tiro na cara de vocês, suas bichas do c***". Com evidente receio das consequências, ambos saíram correndo e hoje se sentem acuados e a fim de preservar sua integridade informam que evitam andar abraçados ou mesmo de mãos dadas (notícias desse tipo, não vem à tona cotidianamente, os homossexuais que sofreram a ameaça, compõe um grupo em especial na sociedade, a elite).

Outros tipos de violência também são corriqueiras e mesmo quando aparentam ser de menor potencial ofensivo, também reforçam a ideia de que os homossexuais são aberrações e que devem ser segregados, mesmo que não tenham feito nada contra seus agressores. Também em Curitiba, no mês de maio de 2017, em outro bairro nobre, o da Água Verde ficou notório o caso de um casal homoafetivo que estava construindo um sobrado para residirem, e que um agressor anônimo distribuiu centenas de panfletos pelas casas da vizinhança "denunciado" o referido casal, com o seguinte teor: "se fazem isso em público. Imaginem o que fazem quando estão a sós ou com os amigos mais próximos ou com as pessoas próximas a você [sic]", anexando uma foto do

casal abraçado. Evidente que tal expediente foi utilizado objetivando a coação e expor ao ridículo os novos moradores perante a comunidade local.

Na contramão dessa realidade, em que se faz necessário um maior entendimento da sociedade como um todo para os conceitos relativos ao tema, com o objetivo de diminuir o preconceito e a violência homofóbica, o município de Paranaguá promulgou no ano de 2015, a Lei de nº 3468, que dispõe sobre o Plano Municipal de Educação, que em seu artigo 3º (diretrizes do PME), inciso X, diz:

"promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental, sendo vedada entretanto a adoção de políticas de ensino que tendam a aplicar a ideologia de gênero, o termo "gênero" ou "orientação sexual". (Grifo nosso).

Tal inciso tende a mascarar a realidade consumada, fazendo com que os educandos não tenham acesso as denominações e como consequência gera a falta de entendimento, que poderia ser dada em ambiente próprio, ou seja, através de educadores preparados para tal fim. A Procuradoria Geral da União impetrou uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental junto ao STF, que em caráter liminar determinou a suspensão da Lei Municipal, com o seguinte fundamento do Ministro Luis Roberto Barroso:

"Nesse sentido, o mero silêncio da escola nessa matéria, a não identificação do preconceito, a omissão em combater a ridicularizarão das identidades de gênero e orientações sexuais, ou em ensinar o respeito à diversidade, é replicadora da discriminação e contribui para a consolidação da violência às crianças homo e trans.",.

O município de Paranaguá, maior do litoral paranaense com cerca de 150 mil habitantes, já presenciou diversos casos de violência extrema contra a população LGBT, inclusive assassinatos, sendo os de maior repercussão o da trans "Vanessa", morta, em julho de 2013, com um tiro no rosto por ocupantes de uma motocicleta, sem que nenhum outro motivo fosse plausível, a não ser o fato da vítima ser homossexual.

Com modo de operação similar, 2 ocupantes de uma motocicleta executaram a tiros outra trans em local central da cidade, em frente ao Hotel Camboa, no dia 27 de julho de 2014. Outro caso de repercussão na mídia

ocorreu em 24 de novembro de 2012, quando a travesti "Andrielly" foi brutalmente espancada por um grupo de cinco homens e uma mulher durante a tradicional Festa de Nossa Senhora do Rocio, no município de Paranaguá. Segundo a homossexual, a agressão foi fortuita e teria como motivo a chamada transfobia.

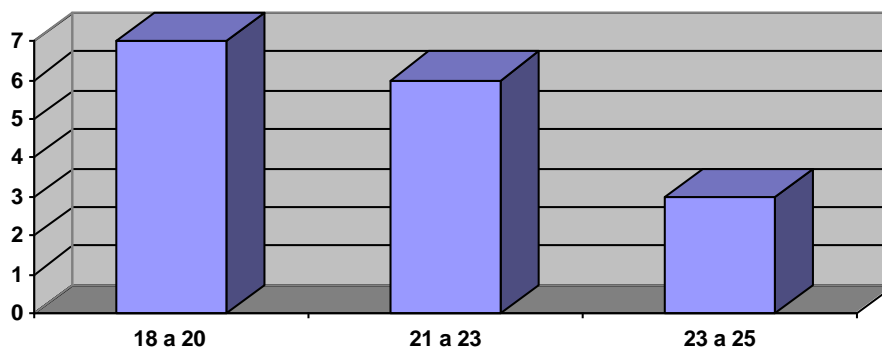
Existem diversos casos relatados e muito mais não o são, porém fica evidente a necessidade de políticas públicas no sentido de orientar adequadamente à população, não com a imposição de uma situação, pois muitos têm o direito de se colocarem contrários à homossexualidade?, mas com o objetivo de fazer com que eles sejam enxergados como seres humanos, sujeitos de direitos que devem ter sua dignidade respeitada.

7. PESQUISA E RESULTADOS OBTIDOS

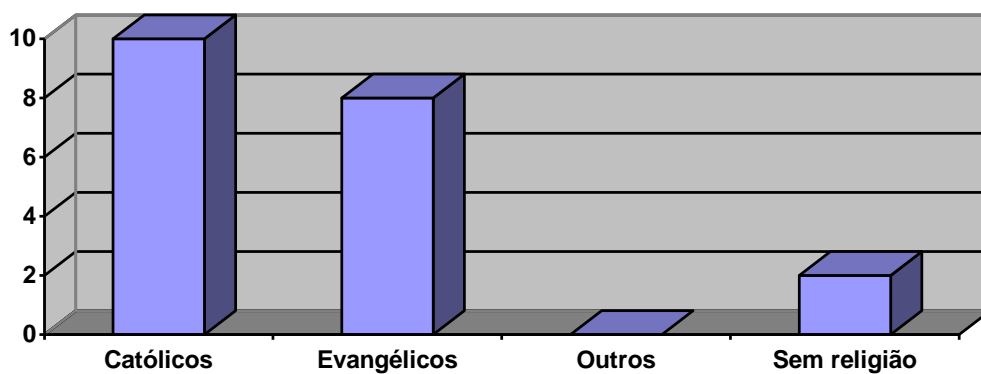
Objetivando personalizar o presente estudo, a fim de estratificar os dados especificamente para a comunidade local, foi elaborada pesquisa de campo, a partir da aplicação de questionários e entrevistas, como anunciado no início do trabalho (apêndice 1). O público alvo, foram jovens residentes no litoral do Paraná, dos municípios de Matinhos e Paranaguá que se definem como homossexuais do gênero masculino. Os aspectos abordados envolvem as relações familiares, e com outras instituições, além da percepção e da decisão em assumir ou não a homossexualidade. Não se primou pela estratificação social e sim pela amostragem em segmento médio da sociedade. Os questionários foram entregues pessoalmente ou por e-mail, sendo que dos 25, 20 foram devolvidos, com respostas a quase totalidade dos questionamentos feitos e desses, selecionamos para as entrevistas os que ofereceram maior diversidade de fatos e riqueza de detalhes. O escopo voltado aos homossexuais masculinos foi estratégia utilizada a fim de possibilitar uma visão mais específica desse segmento, possibilitando um aprofundamento sem incorrer em análises confrontantes em função de gêneros diferentes.

Foi possível resumir as respostas em alguns tópicos, conforme tabelas abaixo:

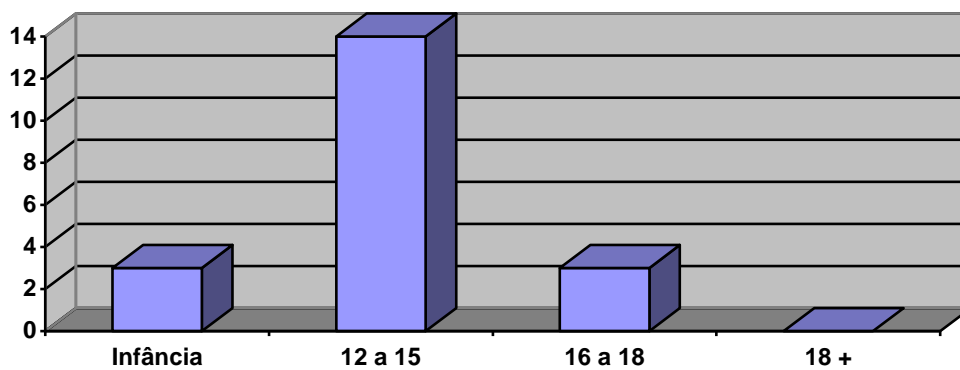
1) Idade



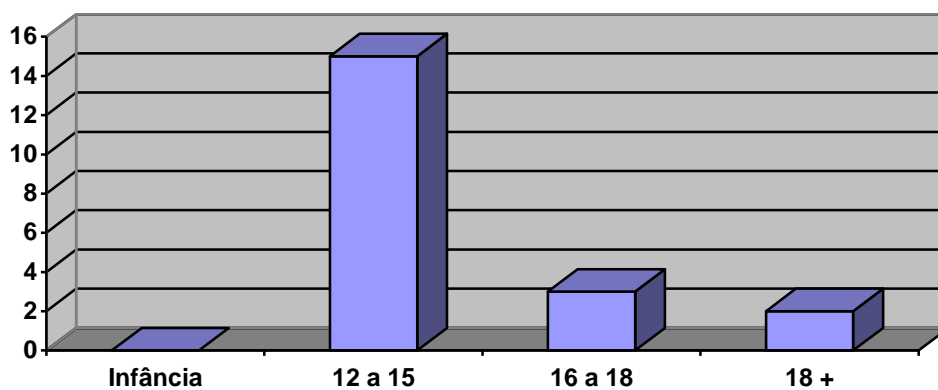
2) Religião dos Pais



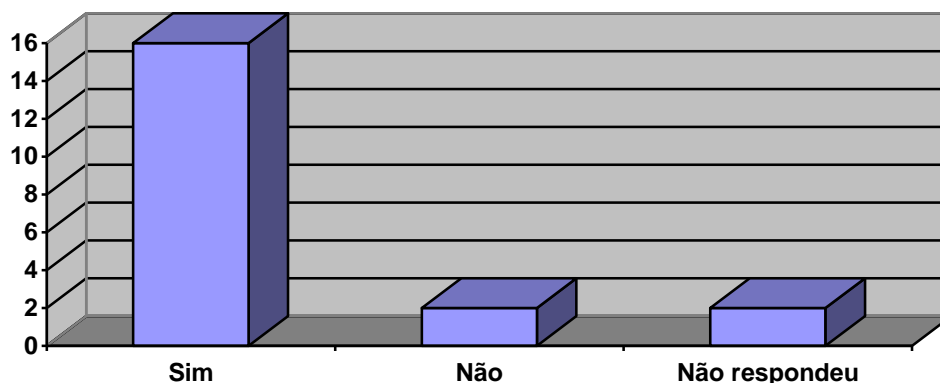
3) Idade em que se descobriu homossexual



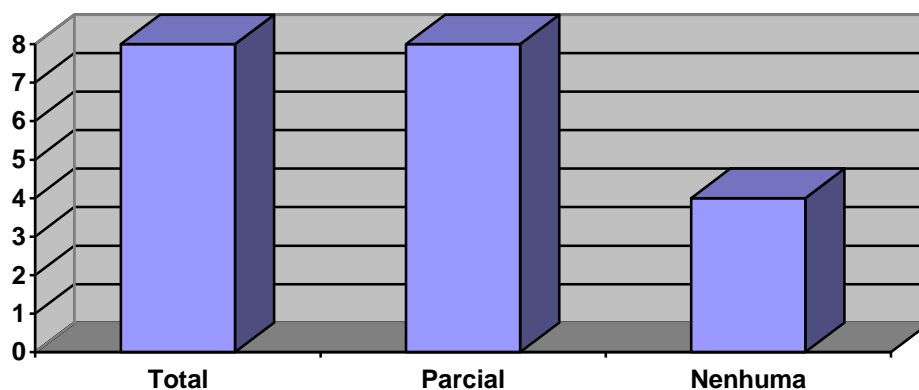
4) Idade da primeira experiência homossexual



5) Sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação



6) Aceitação familiar



Os gráficos acima representam apenas uma pequena análise numérica dos dados coletados, pois as respostas foram dadas de maneira descritiva em face do tipo de questionário apresentado. Aprofundando o teor das resoluções, foi possível detectar fatores como:

Existe uma relação direta entre o segmento religioso dos pais e o nível de dificuldade frente a aceitação do comportamento homossexual, pois a grande maioria daqueles que responderam que a família é evangélica tiveram, e ainda tem dificuldade muito maior do que aqueles pertencentes a famílias católicas ou sem religião. Um exemplo categórico disso está no depoimento de Bruno (nome fictício), de 21 anos, que relata sentir atração por pessoas do

mesmo sexo desde os 12 anos de idade e que teve sua primeira relação homossexual aos 14 anos. Sua família, evangélica praticante, jamais aceitou sua decisão, tendo inclusive que sair de casa em função disso. Ao ser perguntado sobre a relação com a família, seu relato é pungente:

"Foi uma catástrofe. Pois, na época eu estava namorando um garoto, consecutivamente, ele se assumiu a mãe dele no mesmo momento que eu me assumi aos meus pais. Meus pais são do tipo de ir atrás a qualquer lugar que eu vá e foi assim que eles descobriram do meu namoro. Eles surtaram, foram até a casa do meu namorado, ameaçando-o de contar aos pais dele e me expulsar de casa, caso continuasse a namorar comigo. Ouvi xingamentos que jamais pensei que um dia ouviria dos meus pais, que eles não criaram filho para ser gay, que eu era doente e possuído pelo demônio, que deveria fazer tratamento, deveria ir à igreja para ser exorcizado, minha mãe chegou a me enforcar com a alça de uma mochila. No dia seguinte, fui a igreja com meu pai, e eles ficaram conversando com o pastor, e pediram para eu não parar de frequentar a igreja, pois iria passar. Alguns dias depois, meu namorado terminou comigo por causa da tal ameaça, e eu passei um mês dormindo na casa de um amigo meu, pelos meus pais não aceitarem. Passando esse um mês, retornei para casa, mas o clima continuava na quietude, sem comunicação alguma com meus familiares."

E continua seu relato ao ser questionado sobre a situação atual dentro da família:

"Atualmente, moro com meus pais, mas converso apenas com meu pai, como eu passo o dia todo na faculdade, não dialogo com minha mãe e irmãos. Quando estou em casa, passo o dia no quarto. Antes de eu me assumir, dormia meu irmão e eu no mesmo quarto, hoje durmo sozinho. Pois, segundo minha mãe, meu irmão não dorme no mesmo quarto pois tem medo de ser estuprado."

No momento em que estava respondendo o questionário, o jovem tentava esconder a mágoa que estava sentindo da sua família com brincadeiras, mas visivelmente irônicas, para tentar amenizar sua dor ao relembrar os fatos. Depois de responder o questionário, Bruno veio me relatar mais coisas que aconteciam dentro de casa, como por exemplo o caso em que a irmã ofereceu pecúnia para uma funcionária do cinema, para que quando o irmão entrasse no cinema com um menino, ligasse imediatamente para ela, com o intuito de pegar o jovem em flagrante.

Pedro (nome fictício) segue a mesma tendência, inclusive com sequelas físicas e psicológicas:

"Foi a pior fase da minha vida, o carinho com o qual eu estava nessa época que aconteceu de eu me assumir, me deixou, minha mãe não saía da minha cola, ela também me afastou da minha melhor amiga quando soube também da sua orientação sexual, ela era parte da família e minha mãe a considerava, até tudo isso acontecer e se cegar pelo preconceito, eu vivia sendo pressionado por todos a minha volta a ouvir coisas que sinceramente até hoje em dia eu lembro e me pesa no peito e isso interferiu demais no meu psicológico. Até no meu físico e de lá pra cá, hoje em dia sou uma pessoa que sofre de gastrite nervosa e até ansiedade, mas tudo isso de certa forma me ensinou a lutar por quem eu sou até os dias de hoje."

Quase todos os entrevistados pertencentes a famílias evangélicas relatam dificuldades imensas de relacionamento, com geração de violências diversas. Aqueles pertencentes a famílias católicas ou sem religião, demonstraram, serem melhor aceitos, contudo sempre como uma aberração e/ou algo problemático. O relato de João (nome fictício) corrobora essa tese:

"Quando minha mãe soube, ou melhor, quando ela veio me perguntar sobre, eu estava namorando um outro garoto – meu primeiro “namorado”, e ela veio me confrontar justamente por isso, pois ouvia as ligações que eu fazia e etc. Ela reagiu bem mas falou que não queria que eu me vestisse de mulher, como se fosse algo inerente a um homossexual, fiquei furo da vida, na época, mas relevei. Quando minha mãe falou para minha irmã, a mesma disse que já sabia, então não houve choque pra eles ou algo do tipo."

Outro fator bem claro na pesquisa é na questão da idade, tanto da descoberta do sentimento homossexual, como na prática da primeira relação. A grande maioria (cerca de 70 %) informa que isso aconteceu entre os 12 e 15 anos de idade, fase imediatamente posterior à puberdade, em que as alterações biológicas e fisiológicas são intensas. Assim pode-se analisar que a orientação homossexual tem mais fundamento biológico do que do ambiente de formação ou de outras questões externas.

Há relações homossexuais por influência do meio e/ou por curiosidade, alguns experimentam uma relação com o sexo oposto, mas ao verificarem que não é o que querem, simplesmente velam a experiência e seguem com suas vidas. O que não ocorre com os que se averiguam homossexuais, pois mesmo

que não queiram assumir os enfrentamentos que acompanham a decisão, não conseguem fugir da necessidade, pois envolve ser quem são, terem uma vida real.

Nesse sentido Antonio (nome fictício) diz ao ser perguntado de como foi seu primeiro envolvimento homoafetivo:

"Foi bem intenso eu tinha muito medo porque no fundo eu sabia que era realmente isso que eu queria e gostava, passei muitos anos da minha vida me forçando a ficar com garotas e não sentia nada e quando chegou a vez de ter essa experiência a primeira vez em sair com um menino eu estava bem nervoso, mas no fim deu tudo certo eu finalmente fiz o que tinha vontade e depois de lá perdi total o medo e o preconceito interno que eu tinha comigo mesmo."

O medo de um sentimento diferenciado socialmente, que é imposto desde a infância gera dúvidas quando o mesmo aflora. Gabriel (nome fictício) relatou:

"Na infância, quando fui jogar vídeo game na casa de um amigo e ele começou a se aproximar de mim, roçamos um pouco mais eu fiquei bem assustado e corri de volta pra casa. Após isso, a primeira vez foi com 15 anos, quando me envolvi e namorei um menino pela primeira vez."

Depois de algumas semanas que apliquei o questionário com o Gabriel, o mesmo veio me perguntar como estava o andamento do trabalho, pois ele estava ansioso para ver o resultado final, nesta conversa o mesmo me relatou que quando estava respondendo o questionário, a pergunta que o mais impactou foi "Se fosse possível escolher, continuaria com sua orientação sexual atual?", uma vez que essa pergunta o fez refletir sobre si mesmo e ate que ponto ele mudaria quem é para ser aceito. Isso me chamou muita atenção, pois no momento que estava fazendo o questionário, não pensei que esta pergunta em especifico iria causar tanto impacto para os jovens que o responderam.

Dado o teor das respostas e o aprimoramento alcançado nas entrevistas, podemos dizer que os homossexuais masculinos que assumiram publicamente sua condição sofreram e sofrem diversas violências, condição

que os marca por uma vida, principalmente com relação ao convívio familiar e para com a sociedade. Verificamos também que a maioria busca superar e se integrar normalmente ao convívio com a sociedade eminentemente heterossexual, e que procuram na família a maior fonte de apoio, e quando não o tem sentem isso de forma profunda, o que nada colabora para sua formação.

Desse modo, reforçamos nosso entendimento de que uma das principais intervenções, pode estar situada em ações voltadas ao trato da questão na Escola e no meio familiar, objetivando a diminuição e eliminação da violência, do preconceito e a garantia de direitos. Um dos contextos melhor observados no processo de pesquisa se refere ao percentual de respostas ao último quesito do questionário: Se fosse possível escolher (não se trata de escolha), continuaria com sua orientação sexual atual? 100% dos entrevistados responderam que sim e que apesar de tudo, são felizes em poder ser o que são e não o que grande parte da sociedade gostaria que fossem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o período de pesquisa, triagem, preparação e formatação desse trabalho, chego nas considerações finais com um entendimento muito maior em relação ao tema abordado do que eu detinha anteriormente, compreendendo que o contexto da homossexualidade é mais profundo e que tem fatores históricos, além de sociais e culturais, que ao final desembocam na nossa sociedade contemporânea e na forma de entender ou não entender que a opção de sexualidade não determina o caráter de um indivíduo, nem sequer é algo que deveria ser considerado como anormal e muito menos ser a motivação para violências físicas ou psíquicas.

Também a compreensão de que é a família o maior protetor e o maior alívio daqueles que assumem sua condição foi algo marcante no estudo, em especial nas entrevistas coletadas com os jovens homossexuais do litoral paranaense, em que discorrem sobre a tristeza ou a alegria em poderem contar ou não com a compreensão dos parentes próximos e o fato de que não se arrependem da decisão tomada e que a fariam novamente, mesmo frente a forte repressão, violência e preconceito.

Nesta seara, as respostas ratificaram o que a pesquisa bibliográfica já tinha direcionado, o de que a religião exerce profunda influência no comportamento das famílias e conseqüentemente no posicionamento delas em relação ao assunto, que é muito espinhoso e delicado, pois coloca os genitores em uma posição de incerteza sobre seus filhos, pois o entendimento comum para a sociedade média é de vergonha em ter um filho assumidamente gay.

Foi possível verificar no decorrer da História da humanidade, que a aceitação e o próprio conceito de homossexualidade está sempre em mutação, sendo um reflexo da sua época. Assim em momento mais pretérito, como na Grécia clássica e na Roma antiga havia tolerância e até certo glamour com tal prática, o que veio a se alterar radicalmente com a cristianização do ocidente, quando o comportamento se assemelhou a um pecado mortal. Interessante foi observar que ainda nos dias de hoje, boa parte da população mantém essa visão, especialmente os evangélicos de denominações pentecostais,

possivelmente insufladas por seus líderes religiosos, que tratam o homossexualismo como algo a ser extirpado do ser humano, uma abominação que deve ser combatida pois atende os interesses do "inimigo" em perverter a sociedade e a família.

E dentro dessa mutação, o homossexualismo passou de pecado para doença, recebendo o sufixo ismo, quando a sociedade achou que estava deixando o misticismo para trás em prol da nova ciência. Com essa análise, retirada de contextos bibliográficos fica evidente que a homossexualidade é um comportamento que independe de época ou sociedade, porém a forma com que ela é vista se altera através dos tempos.

Outro fator relevante são as consequências da decisão em assumir a orientação sexual perante a família e a comunidade. Chega a ser impressionante os números estatísticos levantados sobre violência contra gays, lésbicas e travestis, inclusive sobre a situação de rua de boa parcela desse segmento. É inaceitável que um ser humano seja tratado de maneira violenta apenas porque seus desejos são correspondidos com uma pessoa do mesmo sexo, visto que se trata de algo íntimo e estritamente individual, não devendo caber a nenhum terceiro opinar e julgar tal decisão. Da mesma forma que as violências por racismo são abomináveis, de forma análoga, as homofônicas também o são e deveriam ser tratadas com prioridade pela legislação, mas esse campo depende da luta organizada dos grupos LGBTT`s e pela parcela da sociedade tida como esclarecida, que em maioria ocupam espaços de poder onde a pauta pode ser trabalhada.

Em suma, a execução do presente trabalho aumentou o interesse que já sentia pelo assunto, pois uma das premissas do Assistente Social é a intervenção preventiva nos grupos que dela necessitam, e o grupo da comunidade homossexual sofre constantemente das mais severas discriminações e violências físicas e psicológicas.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Roldão, **28 DE JUNHO: A QUEDA DA BASTILHA DO MOVIMENTO GAY, 2012**, disponível em: <http://politica.estadao.com.br/blogs/roldao-arruda/28-de-junho-a-queda-da-bastilha-do-movimento-gay>. Acessado em: 12/07/2017

ALVIM, Mariana, 2017, **HOMOFOBIA MATA UMA PESSOA A CADA 25HORAS; NORTE TEM O MAIOR ÍNDICE**, disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/homofobia-mata-uma-pessoa-cada-25-horas-norte-tem-maior-indice-20819002>. Acessado em: 04/03/2017

BIBLIA SAGRADA

BOMFIM, Silvano Andrade, **HOMOSSEXUALIDADE, DIREITO E RELIGIÃO: DA PENA DE MORTE À UNIÃO ESTÁVEL. A CRIMINALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA E SEUS REFLEXOS NA LIBERDADE RELIGIOSA**, Revista Brasileira de Direito Constitucional, RBDC n. 18, 2011

BRITO, Ayres, **VOTO**, disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADI4277revisado.pdf>. Acessado em: 22/08/2017

CARNEIRO, Ailton José dos Santos, **A FABRICAÇÃO HOMOSSEXUAL, HISTÓRIA, VERDADE E PODER**, artigo apresentado no VI encontro Estadual de História ANPUH/BA, 2013, disponível em: <http://anpuhba.org/wp-content/uploads/2013/12/Ailton-Carneiro.pdf> . Acessado em: 12/04/2017

CAPELLANO, Luiz Carlos, 2004, **BREVE HISTORIA DA HOMOSSEXUALIDADE HUMANA**, disponible em [:https://sites.google.com/site/lucappellano/breve-historico-da-homossexualidade-humana](https://sites.google.com/site/lucappellano/breve-historico-da-homossexualidade-humana). Acessado em : 16/04/2017

CHAVES, Helton Gomes, artigo **O AMOR ENTRE HOMENS NO IMPÉRIO ROMANO E SUAS REPRESENTAÇÕES DE PODER**, UFGO, disponível em : [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(22\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(22).pdf) . acessado em: 27/05/2017

DENARDIN, Valdir Frigo, ABRAHÃO, Cinthia M. de Sena, QUADROS, Diomar Augusto, **LITORAL DO PARANÁ - Reflexões e Interações, 2011, Editora UFPR Litoral**, disponível em: <http://www.ppgdts.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/09/Livro-Reflexoes-Digital.pdf>. Acessado em: 18/08/2017

DIETER, Cristina Ternes, **AS RAÍZES HISTÓRICAS DA HOMOSSEXUALIDADE, OS AVANÇOS NO CAMPO JURÍDICO E O PRISMA CONSTITUCIONAL**, Artigo, disponível em: http://www.ibdfam.org.br/_img/artigos/As%20ra%C3%ADzes%20hist%C3%B3ricas%2012_04_2012.pdf. Acessado em 05/01/2017

DENCK, Diego, **20 ANIMAIS QUE APRESENTAM COMPORTAMENTOS HOMOSSEXUAIS**, 2017, disponível em: <http://www.megacurioso.com.br/animais/99489-20-animais-que-apresentam-comportamentos-homossexuais.htm>. Acessado em: 11/08/2017

EFE, Agencia de Noticia Internacional, 2014, **BRASIL LIDERA NUMERO DE MORTES DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, APONTA ONG**, disponível no site: <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-01-29/brasil-lidera-numero-de-mortes-de-travestis-e-transexuais-aponta-ong.html>. Acessado em: 02/05/2017

GARCIA, Marcos Roberto Vieira, 2013, **DIVERSIDADE SEXUAL, SITUAÇÃO DE RUA, VIVÊNCIAS NÔMADES E CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE AO HIV/AIDS**, disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000300015. Acessado em: 03/04/2017

HOGENBOOM, Melissa, **O MISTÉRIO DA HOMOSSEXUALIDADE EM ANIMAIS**, 2015, disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150211_vert_earth_animais_homossexuais_ml. Acessado em : 02/03/2017

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica aplicada, 2017, disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29303. Acessado em: 19/04/2017

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012, **CENSO DEMOGRÁFICO 2010**, disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acessado em: 12/07/2017

LOPES, Mirian Cristina, 2014, **CULTURA POLITICA NO LITORAL DO PARANÁ: A UFPR – LITORAL E “AS ÁGUAS DE MARÇO”**., disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36476/R%20-%20D%20-%20MIRIAN%20CRISTINA%20LOPES.pdf?sequence=1>. Acessado em: 20/08/2017

MACHADO, Ricardo William Guimarães, **POPULAÇÃO LGBT EM SITUAÇÃO DE RUA: UMA REALIDADE EMERGENTE EM DISCUSSÃO**, Revista EDUC - Faculdade Duque de Caxias, Vol 01, nº 03, 2015.

MARÍLIA, Gabriela, 2013, **SILAS MALAFAIA E MARÍLIA GABRIELA | HOMOSSEXUALISMO E TEORIA DA PROSPERIDADE**, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXFJ7uIR4js>. Acessado em: 15/05/2017

MELLO, Alessandra, 2014, **BRASIL AMARGA O PREÇO DA INTOLERÂNCIA E LIDERA RANKING DE VIOLÊNCIA CONTRA HOMOSSEXUAIS**, disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/09/22/interna_nacional,571621/brasil-amarga-o-preco-da-intolerancia-e-lidera-ranking-de-violencia-contrahomossexuais.shtml. Acessado em: 12/04/2017

MIOTO, Ricardo, **ESTUDO: HOMOSSEXUALIDADE AJUDA A MOLDAR EVOLUÇÃO**, disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/noticia.php?it=12562>. Acessado em: 22/08/2017

NUNES, Alves, **HOMOAFETIVIDADE NO DIREITO DE FAMÍLIA**, disponível em: <http://www.alvesnunesadvogados.com.br/homoafetividade.html>. Acessado em: 20/08/2017

PUC, Rio, **CERTIFICAÇÃO DIGITAL Nº0610578/CA**, disponível em : https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25742/25742_3.PDF. Acessado em 03/06/2017

RICHARDS, Jeffrey. **SEXO, DESVIO E DANAÇÃO: AS MINORIAS NA IDADE MÉDIA**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SANTOS, ISAAC AZEVEDO, **NARRATIVAS DE UM ADOLESCENTE HOMOERÓTICO**, Dissertação de Mestrado, 2008, PUC/RJ, Rio de Janeiro

Secretaria Especial de Direitos Humanos Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, **RELATÓRIO DE VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NO BRASIL NO ANO DE 2013**, 2016, disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>. Acessado em: 15/07/2017

SÃO PAULO, G1, **FATOR DE EXCLUSÃO DA POPULAÇÃO LGBT É A FAMÍLIA, DIZ CENSO**, disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/fator-de-exclusao-da-populacao-lgbt-e-familia-diz-censo.html>. Acessado em: 02/05/2017

SOUZA, Nicodemos Felipe E Cabral, Newton Darwin de Andrade, **UMA HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE NO OCIDENTE CRISTANIZADO**, Artigo apresentado no IV Colóqui de História, Unicamp, 2010.

TERRA, **BRASIL LIDERA NÚMERO DE MORTES DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, APONTA ONG, 2014**, disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/brasil-lidera-numero-de-mortes-de-travestis-e-transexuais-aponta-ong,5459c874c0fd3410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acessado em: 02/08/2017

TESCH, Carlos, **ARTIGO A HOMOSSEXUALIDADE NO MUNDO CLÁSSICO**, 2014, disponível em : <http://lounge.obviousmag.org/encontros/2014/09/a-homossexualidade-no-mundo-classico.html#ixzz4YIk0QbGs>. Acessado em 10/12/2016

MENDES, Sandra Magrini Ferreira, **HOMOSSEXUALIDADE: A CONCEPÇÃO DE MICHEL FOUCAULT EM CONTRAPONTO AO CONHECIMENTO NEUROFILOSÓFICO DO SÉCULO XXI**, Encontro - Revista de Psicologia da Faculdade de Medicina do ABC - Volume XI, Anhanguera Educacional, 2007,

NOGUEIRA, Mariana Brasil, **A FAMÍLIA: CONCEITO E EVOLUÇÃO HISTÓRICA E SUA IMPORTANCIA**, disponível em: <http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/18496-18497-1-PB.pdf>, acessado em 15/09/2017.

APÊNDICE 1

Questionário/Roteiro de Entrevistas

Data: __/__/____

Idade:

Religião:

Religião dos pais ou responsáveis:

Cidade atual:

Com quem você mora?

Orientação sexual:

Estado civil:

1. Em quem momento percebeu sua orientação sexual e como reagiu?
2. Como foi seu primeiro envolvimento com alguém no mesmo sexo?
3. Você assumiu sua orientação sexual?
4. Você sofreu algum tipo de mudança em sua vida após assumir sua sexualidade?
5. Você já sofreu discriminação?
6. Qual a instituição/grupo/campo que mais influenciou e/ou fomentou discriminação por você ser homossexual?
7. Quem da família sabe da sua orientação sexual? Como essas pessoas descobriram? Como lidam com a questão?
8. Você acha que a religião dos seus pais e/ou responsáveis interferiu na reação deles frente a sua orientação sexual? Por que?
9. Como você se sentiu quando se percebeu homossexual?
10. Como é a relação entre você e seus familiares hoje?
11. Tem mais algum membro da família que também é homossexual?
12. Tentou dialogar com os seus pais/responsáveis sobre sua orientação sexual? Se sim, como foi a conversa?
13. Você e seus pais ou responsáveis falam abertamente sobre o assunto?
14. Se fosse possível escolher, continuaria com sua orientação sexual atual?